Ilma. Sra.
Profª Beatriz Nascimento
Rua Bartolomeu Portela, 25/C - aptº 306
22290 - Rio de Janeiro - RJ

Boletim do Centenário

4

BOLETIM DO CENTENÁRIO DA ABOLIÇÃO & REPÚBLICA — ABRIL DE 1988

O Centenário acaba de ganhar as ruas — e a grande imprensa — do Rio de Janeiro, com o desfile das escolas de samba.
A Abolição, transbordando da academia e dos movimentos sociais, foi o grande tema do carnaval, do primeiro ao quarto grupo.
A disputa final, como se sabe, ficou entre a interrogação da verde e rosa Mangueira — *Realidade ou Ilusão?* — e a *Festa da Raça* da Unidos de Vila Isabel, uma grande *Kizomba* democrática que, como diz o samba, "congraça gente de todas as raças numa mesma emoção".
Martinho da Vila, o idealizador dessa *Kizomba*, foi o nosso entrevistado do número passado (dezembro de 1987). Procuramos, agora, completar o quadro com uma outra personalidade negra, mestre dos mestres-sala, Delegado da Estação Primeira.
O veterano Delegado, 66 anos, em que pese a nostalgia do calor humano dos velhos carnavais, defende a grande simbologia do carnaval do centenário que, segundo afirma, "veio já puxando o samba da raça".
Vale a pena conferir.

HISTÓRIAS DA LIBERDADE

O departamento de história da UNICAMP realizará entre 23 de maio e 8 de junho um Simpósio composto de conferências e seminários com professores convidados do Brasil e do exterior. Nestes encontros serão abordados visões comparativas sobre a Abolição e o significado da liberdade para os ex-escravos, assim como problemas concretos de bibliografia, metodologia e fontes.

Cronograma das mesas redondas: 23/05 — Trabalho e Cidadania; 24/05 — Visões da Liberdade na época da Emancipação; 30/05 — A Historiografia da Abolição; 31/05 — Trabalho, Disciplina e Integração Social; 06/06 — Cultura e Racismo na Era dos Impérios. Está prevista a participação dos seguintes pesquisadores e professores estrangeiros: Michelle Perrot, Eric Foner, Rebecca Scott, Ira Berlin, Seymour Drescher, Dale Tomich, Frederick Cooper, Eric Hobsbawm, Thomas Holt e G. Reid Andrews. Maiores informações poderão ser obtidas no Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas, Caixa Postal 1170, Cep 13100 — Campinas — SP — Tel: (0192) 39-1301.

UFF

Considerando-se "a carência dos instrumentos de pesquisa de que se ressente o meio especializado", docentes do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense — UFF estão elaborando um Dicionário Terminológico da Escravidão no Brasil, sob a coordenação da Prof.ª. Ismênia de Lima Martins.

Interiorizando as Comemorações do Centenário da Escravidão, o Departamento de História da UFF, que desenvolve há muitos anos trabalho na área de extensão visando a reciclagem e atualização dos professores de 1.º e 2.º graus, este ano ministrará cursos específicos sobre a Escravidão no Brasil. Os cursos se iniciam em abril nos Municípios de Campos, Bom Jesus de Itabapoana, Volta Redonda e Friburgo.

BIBLIOTECA NACIONAL

A Comissão do Centenário da Abolição da Escravidão convida para a Exposição sobre o tema que será feita a partir de 9 de maio.

Serão expostos mais de cem documentos pertencentes às Seções da Divisão de Obras Raras e de Referência Geral.



"SE EU COCHILASSE, NEGO DANÇAVA".

DELEGADO CONTA TUDO, PÁG. 3.

Digitalizado com CamScanner

O pensamento abolicionista: reflexões críticas preliminares

Nanci Leonzo
Humberto F. Machado

Este texto sintetiza algumas colocações presentes no artigo exposto no XIV.º Congresso da Associação Nacional dos Professores Universitários de História (ANPUH), realizado em Brasília, no mês de julho de 1987. Cabe-nos esclarecer que foi o resultado de um estudo, em conjunto, centralizado nos escritos de dois destacados abolicionistas: José do Patrocínio e Joaquim Nabuco. Percebemos a viabilidade de um aprofundamento maior da temática — o que ainda estamos realizando —, em função da contemporaneidade dos dois propagandistas, operando, aparentemente, em espaços diferentes, sendo os principais: a imprensa e a tribuna parlamentar. Ambos buscavam atingir os diversos setores da sociedade que poderiam impulsionar a derrocada do regime escravista.

Da crítica historiográfica, basta dizer, não nos afastamos em nenhuma das etapas que nortearam a elaboração do texto. O nosso propósito percorreu um caminho paralelo, onde não faltaram obstáculos. Todavia a cada encruzilhada surgida, detivemo-nos esperançosos, com o intuito de fortalecer o debate e direcionar futuras pesquisas, na tarefa de captar as concordâncias e as contradições, os encontros e os desencontros presentes de forma explícita ou implícita, nos escritos dos dois abolicionistas.

Constatamos como a tribuna parlamentar e a imprensa desempenharam o papel de órgãos de divulgação e elaboração do pensamento abolicionista. Ambos atuavam no sentido de mobilizar a "opinião pública". Outro espaço, utilizado tanto por Nabuco, quanto por Patrocínio, foi o palco dos teatros, onde se realizaram diversas conferências anti-escravistas. Aproveitavam, ainda, ocasiões festivas e até mesmo cerimônias fúnebres. A diversificação dos espaços era uma excelente tática na medida em que não restringia a propaganda das idéias emancipadoras ao número de leitores de jornais, panfletos e opúsculos. A campanha eleitoral de Nabuco, no Recife, em fins de 1884, por exemplo, foi marcada por discursos efetuados em praças públicas que contavam com a presença de espectadores provenientes de diferentes camadas sociais.

No entender de Nabuco e de Patrocínio, a conscientização da sociedade era indispensável para chamar a atenção do governo sobre a necessidade de dar fim ao regime escravista. Para Nabuco, a imprensa, mais do que as restritas falas parlamentares, deveria funcionar como fator decisivo no processo de anulação dos focos de resistência à abolição. Patrocínio considerava as denúncias das violências cometidas contra os escravos e as notícias sobre as revoltas, mecanismos fundamentais para que a "opinião pública" repudiasse, cada vez mais, a estrutura escravista. Na década de 1880, mesmo setores mais "tradicionais" admitiam a impossibilidade de preservar o escravismo. Uma das questões pendentes, e que pensamos oportuno ressaltar, era uma definição consensual em torno da questão do prazo para a abolição.

Nabuco estabeleceu como data limite para a extinção legal da escravidão o ano de *1890*. Esta deveria ser promovida através de uma lei aprovada no Parlamento, excluindo-se, naturalmente, "revoltas", "ação de quilombos" e "manifestações de rua". Patrocínio, ainda que tido pelos seus biógrafos como militante mais combativo, recebendo quase sempre a conotação de "revolucionário", reconhecia as dificuldades para a aprovação de medidas mais "radicais". O prazo fatal para ele era *1889*. Verificamos, por outro lado, que apesar de atuarem em espaços diferentes, os discursos revestiam-se de semelhanças e as posições de ambos eram conciliadoras, buscando preservar o movimento abolicionista dentro de uma "certa legalidade", apesar das restrições às leis que procuravam salvaguardar a propriedade escrava. Uma postura reformista, embora contraditória, na sua essência, caracterizava o pensamento dos dois abolicionistas. Na medida em que se aproximava o fim do regime escravista, as revoltas, as fugas e os assassinatos de feitores e senhores pelos escravos se intensificavam. Sendo assim, era natural que os setores abolicionistas buscassem uma transição pacífica e sem violência. Daí a opção por reformas, não importando, nesta ocasião, sob que regime político estas se efetivariam.

Tais considerações nos possibilitam entender o comportamento dos dois abolicionistas perante a figura da Princesa Isabel. No caso de Patrocínio, é importante lembrar o fato de que, sempre, foi um crítico contumaz à monarquia e à figura da Regente. Predominava nele um posicionamento anti-monárquico que se diluiu e se desfez no momento em que foi assinada a Lei Áurea. Nabuco, por sua vez, ainda que monarquista convicto, não poupara o Imperador de críticas, em virtude de sua inércia perante o contexto escravista, porém em relação à Princesa Isabel exaltou-a porque ela assinou o fim legal da escravidão.

O ponto de encontro entre os dois autores reside, no caso, no reconhecimento da ação — a extinção legal da escravidão — enquanto que o desencontro repousa nas convicções políticas de cada um. Patrocínio aproximou-se ao longo de sua vida, numa trajetória sinuosa, dos republicanos; Nabuco manteve-se sempre fiel aos princípios monárquicos, ainda que constitucionais, isto é, nos moldes da monarquia inglesa. É de se lembrar o fato de que a historiografia brasileira tradicional, principalmente na sua vertente épica, tenha se apoderado de textos abolicionistas para passar uma imagem generalizante sobre a Lei Áurea. Por ignorância ou por simples conveniência (o que nos parece mais viável), certos historiadores restringem-se a exaltar à Princesa Isabel sem especular sobre as nuances do pensamento abolicionista, nuances que necessitam de uma investigação mais apurada e que levem em conta o ignominoso todo, constituído pela estrutura escravocrata.

Tomando como eixo, ainda, a exaltação à Princesa Isabel, episódio até então manipulado ao simples nível da atitude de "reconhecimento", avançamos em nossas reflexões críticas preliminares. Os dois tinham plena consciência da derrota do sistema escravista, o que retira da promulgação da Lei Áurea o caráter de fato histórico marcante e comemorativo, concedido graças à benevolência do Poder. O epílogo correspondeu à trama. Esta era a "verdade" desejada pelos abolicionistas: comprovava-se na prática, sob o prisma legal, a eficácia da propaganda. Uma "verdade" que, num primeiro momento, não incluía o destino dos vencidos — a grande massa marginalizada pelo sistema — e sim, apenas, o sentimento de missão cumprida dos que se auto-denominavam vencedores — os abolicionistas. Escravos e senhores, recuperando o ideário de Nabuco, agora respiravam "livremente". O "ar mefítico" parecia ter se diluído; sem "catástrofes" chegara-se ao limiar dos parâmetros que norteavam o que Naubco denominava a "civilização moderna". Parodiando Patrocínio, o Brasil ingressava no rol dos "povos civilizados". Não era conveniente refletir, no momento, sobre o destino do negro livre. Em nossas cabeças ecoam, com peculiar ressonância, as palavras de Lima Barreto, em *Vida e Morte de Gonzaga de Sá:* "Olha que ninguém quer ser negro no Brasil".

Nanci Leonzo é Professora do Departamento de História da Universidade de São Paulo. Humberto Fernandes Machado é Professor-Adjunto do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense.

BOLETIM DO CENTENÁRIO — Abolição & República

Publicação Trimestral

Redação: Rua da Assembléia, 10, sala 501, Rio de Janeiro, RJ — CEP 20011 — Tels: 224-8622, ramal 59 e 221-3536.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Apoio: Fundação Ford

Conselho Editorial
Beatriz Nascimento
Carlos A. Hasenbalg
Eduardo Silva

Projeto Gráfico
Angelo Venosa
Secretaria e Redação
Maria Rosalina Oliveira Dumas

Comissão Interinstitucional para os Centenários da Abolição e da República: Beatriz Carvalho (Museu Histórico da Cidade), Beatriz Nascimento (Grupo de Trabalho André Rebouças), Carlos A. Hasenbalg (IUPERJ/CEAA), Charles Pessanha (IUPERJ), Eduardo Silva (FCRB), Helena Doldd Ferrez (MHN), Ismênia de Lima Martins (UFF), José Luiz Werneck da Silva (IFCS/UFRJ), José Murilo de Carvalho (FCRB/IUPERJ), Júlio César de Souza Tavares (IPCN), Leila Capella (AGCRJ), Lená Medeiros de Menezes (UERJ), Lygia Cunha (BN), Margarida de Souza Neves (PUC), Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (Instituto Nacional do Folclore), Marieta de Morais Ferreira (CPDOC), Norma de Góis Monteiro (Arquivo Nacional), Paulo Henrique Ozório Coelho (FCRB), Renato Lemos (MR), Yvonne Maggie (UFRJ).

Digitalizado com CamScanner

MEMÓRIA DA NEGRITUDE

Delegado da Mangueira O Pulo do Gato

D — Eu nasci aqui mesmo na Mangueira. Meu pai, Miguel Laurindo da Silva, um grande homem para mim, um grande pai, e minha mãe, Maria das Dores, uma grande mãe também. Perdi os dois, mas estamos aí e a vida é essa, compreendeu? Eu tenho uma vida sempre bem controlada. Sou funcionário público, fiscal de feira. Na Mangueira, desfilo desde os cinco anos, desde os cinco anos que estou na escola aqui da Mangueira. Desde a fundação da escola.

BC — A escola foi fundada mais ou menos na época que você nasceu, 1922...

D — Eu nasci em 1921. 29 de dezembro. Vai puxando que eu vou respondendo. Aí eu nasci e aqui fiquei. Fui pioneiro. Essa menina Sandra Cavalcanti disse que aqui não tinha nada, tudo era cava, tudo era resto de barraco. Então fui eu e o falecido Juvenal, nosso grande presidente da Mangueira. Então fui eu e ele lá. Eu era funcionário público e então podia entrar e falar com ela. Sandra Cavalcanti então cedeu o material, mandava o material todo. Ela ajudou muito a Mangueira.

BC — Seus pais, também eram cariocas?

D — Meu pai carioca. Minha mãe mineira. Todos eles gostavam de samba.

BC — Isso é que eu queria saber. Eles eram...

D — Todos eles. Meu pai era de dança, foi campeão de dança, de valsa. Minha mãe sempre dava uma de baiana. Até hoje tenho duas irmãs minhas que saem de baiana.

BC — Sua mãe era mineira de onde?

D — Era de Belo Horizonte.

BC — E eles se conheceram aqui no morro?

D — É. Dançando.

BC — Me diga uma coisa. Nessa época, além do samba, que outra música popular tinha? Tinha jongo?



Manhã de sábado, 17 de fevereiro de 1988. Os meninos da Mangueira, ao pé do morro, chamam os estranhos de "tio" e pedem coisas. Tratar bem as crianças é o primeiro passo. Carlos Cachaça, eterno parceiro de Cartola, pára para prestar informação. Alguém brinca que Delegado não sabe ver hora, mas as crianças vão chamá-lo em casa, ao lado do "Palácio do Samba". Alto, magro e elegante, Ézio Laurindo da Silva — um Delegado de prender corações — chega sem pressa e, aos poucos, vai falando de tudo, até do pulo do gato.

D — Tinha. Eu gostava muito de dançar também bolero, aquele de antigamente, o swing. Bolero, swing, de vez em quando vinha um samba corrido, sincopado, entendeu?

BC — Delegado, como era o morro na sua infância, como eram as pessoas... Mudou muito de lá pra cá?

D — Ah! mudou demais...

BC — Fala um pouco daquela época.

D — Naquela época as crianças eram mais bem criadas, mais bem educadas, respeitando os mais velhos. Passasse um mais velho na nossa frente, a gente tomava a bênção. Hoje em dia os garotos não estão mais com isso não.

BC — É só esse negócio de "tio"...

D — Tio pra lá. "Como é que é, meu tio?" Garoto que eu vi nascer e não tá respeitando mais como a gente respeitava antigamente.

BC — Que tipo de brincadeira vocês gostavam?

D — Gostava muito de jogar bola. Fui o maior *center-forward* aqui da Visconde de Niterói. O time que eu jogava era o Flamengo, no juvenil. Cheguei no Fluminense e joguei muito bem, mas naquele tempo o Fluminense não aceitava preto, não é? Aí o técnico disse: "É pena, você é da cor. Essa sua cor é que tá me atrapalhando a botar você" O que é isso, amigo? É, eu vou pro Flamengo. Aí eu fui pro Flamengo. Mas como o presidente nosso era o Chico Porrão, diretor de harmonia, ele me levou para o São Cristóvão. Eu fiquei lá no São Cristóvão. E o meu time aqui era o Cerâmica.

BC — Cerâmica?

D — Cerâmica. Porque era o time da comunidade.

Digitalizado com CamScanner

BC — Por que Cerâmica?

D — Porque tinha a fábrica de Cerâmica Brasileira. Nessa época eu tinha meus dezesseis para dezessete anos e trabalhava na Cerâmica.

BC — Quem eram seus amigos nessa época? Carlos Cachaça, Cartola?

D — Eu fui presidente dos compositores, tinha o Carlos Cachaça, tinha o Cartola, tinha o falecido Pelado, tinha o Babaô, tinha vários compositores comigo.

BC — Nessa época assim 1920/1930. Como era o Carnaval?

D — Esse carnaval agora que nós estamos vendo nunca se compara com o carnaval de antigamente. No carnaval antigo, a gente tinha o prazer de chegar na avenida e desfilar. O povo fica em cima de caixas de madeira, de caixotes, para apreciar a gente passar. E tinha aquela oportunidade de chegar, abraçar, falar com você. Como de fato. Hoje em dia fica todo mundo muito distante, não tem aquela emoção de gritar "Delegado!" E dava um abraço, dava outro... Conforme o calor que nos pegava. Então tinha aquelas meninas, aquelas moças, nossas primas ou colegas, com um garrafa d'água: "Bebe um gole d'água, Delegado, refresca a cabeça e vamos embora!" E eu refrescava a cabeça, jogava a água no rosto e pá! Aquela época era muito boa. Hoje em dia o carnaval é da grana.

BC — Onde era o desfile?

D — Comecei na Praça XI. Depois fomos para a Av. Rio Branco. Da Av. Rio Branco fomos para a Av. Getúlio Vargas. Na Av. Getúlio Vargas foi onde gostei mais. Ali a gente desfilava e tinha aqueles apartamentos que jogavam serpentinas, confete em cima da gente. Era uma beleza.

BC — Como surgiu esse apelido de Delegado, como é seu nome? Vamos começar um pouco do começo...

D — Vamos. Veja bem, meu nome é Ézio Laurindo da Silva. No tempo da minha infância, sempre andei bonitinho, sempre andei bem vestido. Então, nessa época, eu era o pioneiro. Toda menina que eu via que era bonitinha, eu prendia. Aí eles ficaram com raiva: "Mas não é possível, todas as meninas, as melhores meninas esse homem apanha!" Aí teve um senhor de idade, o falecido Araújo, que disse: "Eu vou botar o apelido dele de Delegado, porque ele prende todas as garotas".

BC — E aí colou.

D — Aí colou. Na Europa toda, se você perguntar meu nome, ninguém sabe. É Delegado da Mangueira na França, na Inglaterra. Conheço esse mundo quase todo, né? México, Portugal, tudo eu corri. Então é só Delegado.

BC — E os gringos se amarraram no mestre-sala Delegado, na ginga e tal?

D — Claro! Os gringos falavam coisas que eu nem entendia nada. O único país que eu mais gostei (eles puxavam por mim, eu puxava por eles) foi o México. "Fala castelhano?" Eu digo: "Poquito, poquito". Aí eles falavam e eu respondia. Eu fiz muitos amigos. Eles "sentavam" no hotel que eu estava. Nessa época eu fui representando o *Bando do Samba*. Nessa época fui eu, o Blecaute...

BC — Em que ano, mais ou menos?

D — Setenta. Falecido Blecaute, Jorge Ben e Simonal. Lá eu peguei amizade também. Lá eu pensei o seguinte: "O negócio está ruim pro meu lado porque eu não pude levar bateria." Tava o pessoal: Armando Marques, Diogo, o Vavá que foi jogador. Aí eu pedi um rateio: "Cada um dá um tanto, vamos comprar umas peças aí, vamos fazer um ritmo aí pra gente empurrar o Brasil pra frente". Me deram uns 300 dólares: "Vai comprar a bateria aí todinha pra gente fazer o time, a escola está por sua conta". Aí comprei tudo e então a gente fez aquela batucada. Quando nós entrávamos, nós entrávamos arrebentando! Foi a maior escola que nós botamos lá no México.

BC — Como é que se aprende a arte de mestre-sala?

D — A arte para ser um bom mestre-sala tem que começar de criança. Eu comecei com a idade de cinco anos. Eu olhava... Eu comecei dançando com um tio meu daqui, o Jorge Rasgado.

BC — Jorge Rasgado. Esse foi seu professor?

D — Não, eu não tive professor. Eu olhava e chegava em casa, pegava a vassoura, ligava o rádio, o gramofone, botava lá. Chamava minha irmã e dançava com ela. Eu ia em outras escolas, via os outros mestres-sala, na Portela... Eu sempre fugia, não ficava só na Mangueira, que eu sempre tinha essa maldade, sempre ia ver meus adversários, como é que eles faziam. Então eu via, eu ia aprendendo comigo mesmo, eu não tive professor. Eu tenho é um bocado de aluno. A maior parte dos mestres-sala de todas essas escolas são meus alunos, porque todos trabalharam comigo no meu show. Eu contratava e fazia uma espécie de escrete. Tem um escrete brasileiro para disputar a Copa? Então eu fazia também. Até hoje faço. Não é só da Mangueira não. Tem uma boa passista na Portela? Eu pego; tem uma boa passista no Salgueiro. Sabe como é que é?, eu pagava bem, então levava elas todas.

BC — Você já saiu como primeiro mestre-sala desde o início?

D — Não, não.

BC — É difícil sair como primeiro mestre-sala?

D — Foi bom você puxar, vai puxando... Nessa época, quando eu vim pra cá, porque aqui na Mangueira tinham duas escolas. Tinha a *Unidos da Mangueira* e a *Estação Primeira*. Então eu era da *Unidos da Mangueira*. Antigamente nós tínhamos aquela briga. Daqui não podia passar pra lá, e nem do meu morro podia vir aqui, porque eu sempre morei na Mangueira, aqui é São Francisco Xavier. Então aqui tinha o Arildo. Esse Arildo era o mestre-sala daqui da Mangueira. Nesse tempo eu queria vir pra cá, mas não podia porque era garoto novo e eles batiam em mim. Eu tinha aquele receio, aquela briga, aquela richa. Então desfilava *Unidos da Mangueira* e desfilava *Estação Primeira*. Era bom... era bom... Tinha Jorge Jangada, o Nelson Sargento. Vocês conhecem o Nelson, não é? Então essa turma toda era do meu lado.

BC — E do lado de cá?

D — Do lado de cá era a turma do Cartola, Carlos Cachaça, Geraldinho, compreendeu? Essa raça toda. Essa raça era nossa também, gostava da gente lá do outro lado. Mas o falecido Chico Porrão, diretor de harmonia, disse: "Vou trazer o Delegado pra cá!" Ele era banqueiro, ele é quem bancava o morro todo. Ele tinha vontade de me trazer. Eu, garotinho, "escrevia" lá, dava sempre os recados que ele mandava pras meninas. Ele gostava de mim e dizia assim: "Olha só, Delegado, espia essa cabrocha que vem ali". Eu dizia: "Deixa comigo, qualquer hora eu vou prender"... Aí nós fomos. Aí chegou o falecido Perpétuo que era o detetive que você viu. Ele disse o seguinte: "Chefe, vou trazer o Delegado pra Mangueira. Vamos ter uma disputa entre o Arildo e o Delegado. Aquele que ganhar fica como primeiro mestre-sala da Mangueira.

BC — Para unir as duas escolas do morro teve essa disputa...

D — Aí teve essa disputa, lá na Cerâmica. Eu ganhei. Então fiquei com o lugar de primeiro mestre-sala da Mangueira. Nessa luta quase sai morte e tudo, mas não saiu porque o Perpétuo era detetive e disse: "Aquele que botar a mão nele, sabe como é que é!" Aí eu fiquei na Escola direto.

BC — Você já fez muita coisa na vida, você "escreveu" bicho...

D — Não, eu dava o recado que ele mandava. E tomava conta também. Eu era o vigia. Era garotinho, era o vigia. Quando a polícia vinha eu gritava: "Aí vem eles!"

BC — Já ficava na esquina, não é?



Digitalizado com CamScanner

D — Já ficava na esquina só olhando. Tinha uma campainha. Esticava aquele arame de um lado a outro. Quando a polícia batia, eu: Tan! tan! tan! (risos). Já sabiam que era a polícia.

BC — Não podia cochilar.

D — Se eu cochilasse, nego dançava. Mas eu não cochilava, ficava com os olhos sempre abertos.

BC — Depois você trabalhou na fábrica de cerâmica.

D — Aí eu fui para a fábrica de Cerâmica. Na Cerâmica eu era desenhista, né, empregado.

BC — Você desenhava?

D — A gente desenha na máquina, não é? Depois ia pra colação. Na colação eu fazia, virava direitinho no quadro, botava o jornal e tal. Aí saía tudo direitinho.

BC — A polícia atrapalhava o samba naquela época?

D — Foi bom você puxar isso. Naquela época todo sambista pra polícia era vagabundo: "É de samba, é vagabundo". E hoje em dia eles vivem do samba. Já está tudo em cima do samba, é banqueiro, é tudo. Porque aí é que está a porta do dinheiro, compreendeu? Sempre fomos contra esse pessoal dentro da Mangueira, pra não poder ser mais do que a gente. Então nós fazemos o presidente daqui mesmo, solidário, que nós conhecemos, que é bom, que tem compreensão boa, que todo mundo adora ele. Então nós fazemos a eleição com eles, nós não botamos mais banqueiro aqui dentro da escola.

BC — Não tinha ninguém da polícia que fizesse parte da escola?

D — Na escola tinha. Mas polícia nossa daqui, nascida aqui. Como o nosso presidente.

BC — O Carlos Dória?

D — O Dória foi nascido aqui. Eu vi ele garotinho. Carregava minha chuteira e tudo. Morava aqui do lado, do lado ali da Zica, mais um pouquinho pra lá.

BC — O Perpétuo também tinha contato com o morro, na época?

D — Ele tinha contato porque era detetive. Então era coisa de morro. Ele vinha para o morro tomar conta. Os vagabundos faziam perversidades e então ele vinha prender. Chegava aqui e falava, na conversa, conforme fosse visitar. Todo mundo respeitava ele. O perpétuo, para a gente, era um grande homem. E para as crianças também. Quando ele queria pegar alguma pessoa que estava difícil, mundo respeitava ele. O Perpétuo, para a gente, era um grande homem. E para as abria. "Onde mora fulano?" Fulano mora alí. Então ele chegava lá e prendia o fulano. A gente era garotinho, não sabia de nada. Dava guaraná pra gente e a gente falava.

BC — Fora do carnaval, os ensaios e tal, rolava muita música. Como era a boemia?

Habitada por gente simples e [tão pobre
Que só tem o sol que a todos [cobre
Como podes, Mangueira, [cantar?

Cartola.

D — A boemia sempre foi boa aqui em Mangueira, com os melhores sambas. Carlos Cachaça era muito inteligente, fazia as músicas, mas quem aparecia era o Cartola, porque Cartola cantava e ele não; ele só fazia música. Cartola ia subindo, mas sempre era o Carlos Cachaça que era o autor. E Cartola gravava e levava também. Eram dois amigos.

BC — E quem escolheu as cores da escola?

D — O verde e rosa foi o Cartola. Mas Cartola não é nascido aqui na Mangueira. Nem ele, nem a Zica. Ele veio do São Carlos pra cá. Já veio adulto, não é como nós, que somos nascidos aqui.

BC — Você era funcionário público, não era?

D — Ainda sou.

BC — Parece que o Cartola também. Essa turma toda tem muitos funcionários, não é? Como é que vocês conseguiram ser funcionários públicos?

D — Eu vou te contar. Quando eu fiz o show na França, nessa época, lá estava o Negrão de Lima, o falecido. Então eu levei um time muito bom pra França. Nesse momento que nós estávamos na França, estava o Negrão. Fizemos nosso show lá, show bem apresentado. Aquilo foi um estouro. Aí nós trabalhávamos na Cerâmica. Aí o Negrão de Lima chegou perto de mim, bateu no meu ombro e disse: "Olha, quando chegar no Rio eu vou te dar um presente". Aí eu pensei: "Vai ser uma boa grana, o homem disse que vai me dar um presente, é uma boa grana". Aí eu vim pra cá. Vai daí, forcei logo o governador, não é? De embaixador ele foi governador. Isso foi em 68. Quando eu cheguei no Rio, fui ao Palácio buscar meu presente. Pensei: "é uma boa grana que ele vai me dar." Eu disse: "É o Delegado da Mangueira que quer falar com o Negrão". Todo mundo: "Ah, não pode entrar..." E eu: "diz a ele que é o Delegado, que encontrou com ele na França." Aí veio o capitão da polícia, me levou até a presença dele. E eu: "É sim senhor, o doutor não disse que ia me dar uma festa? Tou aí." Ele tomou nota e pá! "Pode ir embora". Quando foi no dia primeiro... primeiro de... Quando engana o bobo?

BC — 1.º de abril.

D — Ele me nomeou dia 1.º de abril, já pra ser funcionário lá de fiscal. "Delegado, seu nome lá aqui, ó 1.º de abril." "Eu não vou nessa! Eles ainda brincaram comigo. Dia 1.º de abril é que eu fui nomeado pela prefeitura. Foi ele que me nomeou. O presente que ele me deu foi esse. Ele me viu dançando muito bem lá, representando o *status do* Brasil...

BC — Mas os outros também conseguiram, não é?

D — Os outros conseguiram. Tem muitos aqui funcionários públicos. Todos conseguiram com deputado. O Cartola foi também com um grande homem que gostava dele. Foi convidado para fazer um samba com um cara embaixador aí, então convidaram a gente para fazer aquele sambinha. Foi nessa época que o Cartola deu sorte. O embaixador gostava dele e botou ele naquela idade dele e aí ele ficou só de beleza. Carlos Cachaça foi muito tempo da Central, do mesmo escritorio da Central. Esse sim, foi com estudo e foi tudo ali, passando tudo e ganhando. Carlos Cachaça sempre foi funcionário.

BC — Que feira você fiscaliza?

D — Fiscal é igual a Polícia Militar, que tem rodízio. De mês em mês a gente pega a rua para não ficar muito manjado na feira. Nós não podemos ficar mais de um mês na mesma feira. Tem que dar duro, tem que multar. não é?

BC — Dizem que você alivia quando o pessoal é do morro e tal.

D — Ah, alivio! Alivio minha turma, minha turma dou colher de chá... Todo mundo precisa ganhar o pão de cada dia. Trabalhando bem, não mexendo, não roubando as freguesas, pode ficar à vontade. Eu agora estou fazendo Madureira, Bonsucesso, compreendeu?

BC — Delegado, voltando à sua infância, naquela época ainda se falava das baianas do Rio, da Tia Ciata, desse pessoal?

D — Tia Sinhá?

BC — João da Baiana, esse pessoal...

D — Ah, tudo conheci. João da Baiana, tia Sinhá. João da Baiana vinha aqui no morro. E eu ia também lá, onde estava tia Sinhá, do lado do São Carlos. Eu sempre corria aquilo tudo, nunca fiquei só na Mangueira.

BC — Conte um pouquinho dessa época.

D — Eu ia para o São Carlos ver namorada, ver as meninas boas... Eu ia nesses morros atrás de garota, compreendeu? Salgueiro...

BC — Você era namorador?

D — Até hoje ainda sou!

BC — Delegado, uns sambas-enredo deste ano tratam do negro e são muito bonitos. Eu queria saber se houve alguma diferença entre este ano, do Centenário da Abolição, e o ano passado, por exemplo.

Digitalizado com CamScanner

D — Este ano eu gostei mais, porque veio já puxando o samba da raça, que é o negro. Tanto Vila Isabel quanto Mangueira. Todos os dois sambas são uma beleza, vêm representando a raça mesmo. Isso foi a maior alegria que nós tivemos, ver os pretos todos unidos. Aí é que está a força. Aí é que nós vamos levar pra frente, se nós unirmos essa raça. Olha como a gente tá unido ali. Então pra mim foi o maior carnaval, dando esse prazer à raça negra.

BC — Por falar nisso, seus pais falavam do tempo da escravidão pra você, o que eles escutaram dos pais deles?

D — Falavam. Falavam do vovô. Vovô morreu com 112 anos. Vovô foi escravo.

BC — Aonde?

D — Em Minas. Mamãe contava que vovô foi escravo e naquela época ele foi dos grandes escravos. Eu quando era garoto, via aquelas correntes ali em Cascadura, pegado ao SAM, onde tem aquele asilo das crianças. Então eu ia para aqueles lados ali também. Eu via aquelas pilastras, aquelas correntes amarradas naqueles cimentos do tempo da escravidão.

BC — E o que você pensava disso?

D — Eu digo: "Tá vendo, naquele tempo, olha aí do que eu escapei!" (risos) Não! Do que eu escapei, meu irmão! Via aquelas correntes todas amarradas no meu pé: Deus me livre! Aí alguém que estava lá disse: "Aí Delegado, você dava um bom escravo, hem, canela fina..." E eu: "Sai pra lá, rapaz, o que é que há...
BC — Além do problema do Fluminense, houve outra passagem de discriminação?

D — Não, não teve porque eles disseram assim: "Pois é, Delegado, fiquei com muita pena de você porque com a tua cor não vai dar pra ficar no Fluminense." Então eu saí triste. Depois não teve mais. Eu pensei também que ia ser barrado no Copacabana Palace, mas no Copacabana Palace eu apanhei um cartaz danado por que veio a Ninon Sevilla, que ficou hospedada no Copacabana Palace. Então eu era contratado para ensinar ela a sambar. Eu dava aula pra ela.

BC — Fala do seu avô que foi escravo. Em que ele trabalhava?

D — Mamãe falava que vovô trabalhava nesse negócio de leiteria, só vivia disso Não sei contar mais nada sobre ele.

BC — Leiteria?

D — Trabalhava. Negócio de leite, fazenda de leite. Tirava o leite para vender... Aí foi que eles pegaram o velho e levaram o velho. Durante muito tempo ele foi escravo, né? Foi naquela época. Não cheguei a conhecer. Mamãe é quem contava a história. Ela contava que meu avô era escravo e que morreu com cento e tantos anos. Mamãe era também daquele tempo da espanhola.

BC — Da gripe, não é?

D — Da gripe. Ela era empregada de uns generais naquela época. Ela deu sorte que não pegou a espanhola. Ela não teve espanhola. Mas ela era empregada de um general do exército.

BC — Quando foi a sua primeira viagem para o exterior?

D — Na época do show do Carlos Machado.

BC — Tubo bem. Anos 50, 60.

D — Eu estava aqui sentado no botequim tomando o meu guaraná. Aí me chega o Aldo Chevalier, que é paulista, esse grande pandeirista, e Grande Otelo. Eu estava no bar sentado. "Delegado, tenho uma proposta pra você que o Machado quer que você trabalhe no show". E eu digo: Poxa, que oportunidade! "E você pode pedir o que quiser". Tá bem. Aí foi sexta-feita. No sábado eu apareci no *Night and Day*. Ele estava com um show montado no *Night and Day*. Cheguei lá, me apresentei e ele me contratou. Uns seis anos eu fiquei com ele. Era roupa, era hotel... morando bem. Eu, Chevalier e Maria Aparecida, que foi Miss.

BC — Você tirou trinta e seis notas dez como mestre-sala. Sempre na Mangueira?

D — Sempre na Mangueira.

BC — Você falou ainda há pouco, que não podia desfilar em outra escola no Rio. Mas em São Paulo...

D — Eu fui contratado pela escola de samba Camisa Verde. Eles queriam criar de um bloco a escola. Então eu estava aqui no Rio. Aí chegaram eles. Falecido Inocente, que era o presidente: "Delegado, eu preciso de você". Pra onde? "Pra São Paulo". São Paulo eu posso ir. Cheguei lá, preparei a escola, o bloco. O bloco em escola. Eu vou fazer a mesma coisa que eu fazia no Rio aqui, porque paulista é meio um pouco franquista e tal. Digo: Bom, vou dar a minha inteligência aqui em cima. Vou botar o modo do Rio. Nós ensaiávamos na rua, ali na Brigadeiro Galvão, Barrafunda. Então ali botei a escola, preparando, ensinando a todo mundo o que fazer, e pá, pá... Bom, no primeiro ano eu vou sair de mestre-sala. No segundo ano, e depois, eu vou preparar um aluno para o meu lugar, porque eu não posso estar ensinando a vocês e saindo de mestre-sala e deixando a escola sem harmonia. É da harmonia que depende a escola. "Bom, tá bom, Delegado, então tá dito". No primeiro ano, eu saí lá. Tirei nota 10. O único que tirou nota 10 fui eu. Mais ninguém tirou nota 10. O segundo ano, novamente. Então coloquei a escola no ritmo da Mangueira. Levei a escola quatro anos seguidos. Camisa Verde. O nosso maior adversário lá é a Vai-Vai. Já pegou três anos seguidos, depois que me afastei... Afastei não, vim pra Mangueira, essa luta aqui. Não dava tempo para eu ir. Eu trabalho também, não dava tempo para ir pra São Paulo.

BC — Quer dizer que você fez um cartaz danado em São Paulo, não é?

D — Em São Paulo, quem botou as escolas no samba fui eu. Aí eu chamei para uma reunião. O negócio é o seguinte: eu vim pra aqui, sou do Rio, mas tem uma coisa, se vocês me ajudarem vai ficar tudo bonitinho. Eu vim pra botar a escola pra ganhar, eu não gosto de perder. A minha escola lá no Rio é Mangueira, em São Paulo, é a Camisa Verde. Então vocês vão me ajudar, o que eu mandar vocês fazerem, vocês vão fazer. O que eu falar pau é pau, pedra é pedra. Então vamos embora! todo mundo: "Não, Delegado, nós estamos com você, o que você fizer está feito." Então foi tudo maravilha. Levei Julinho, meu passista daqui, e fiz um bom carnaval.

BC — O Julinho Matos, não é?

D — Julinho Matos. Eu disse: Bom, vou arrebentar essa bomba lá. Com as "Quatro Estações do Ano", Mangueira foi campeã. Aí eu arrebentei em São Paulo. Tudo que saía na Mangueira, que nós fôssemos campeões, eu arrebentava lá. Agora estão atrás de mim novamente.

BC — Eles pagaram bem?

D — Não, lá eles me trataram muito bem. É a mesma coisa que filho, nem pra hotel querem que eu vá. "Você vai diretamente morar na minha casa". Lá eu tinha tudo. Eles saíam e deixavam a casa por minha conta. Lá tem boates chiques deles também. Lá é tudo da cor. Eu gostei porque era tudo da cor. Todos eram pretos. Às vezes eu não queria ir pra boate, queria descansar, porque estava cansado. Então ficava no apartamento, tinha até medo de ficar sozinho, porque era enorme o apartamento. Mas não tinha nada: ligava a televisão, ficava vendo filmes, porque São Paulo é filme e mais filme, daqueles bons que eu gostava de ver. Então eu tomava conta da casa quando eles não estavam. Quando eu queria ir para a boate, eu ia pra boate. Quando eu chegava, era o gerente da boate. O que eu bebia lá, vou te contar. Em São Paulo, o que matava era a friagem. Se não fosse tão frio assim, rapaz, eu não estava aqui, estava em São Paulo. Aquela garoa lá, pra aguentar aquilo não é mole não, vou te contar, São Paulo não é mole.

BC — Você bebe, Delegado?

D — Não, só bebo guaraná. Desde moço só guaraná. Por isso é que você me vê assim. Estou com 66 anos e não tem menino novo que aguente a perna, não tem não. Ontem mesmo teve um show aí pra cima. A Mangueira foi. Foi todo mundo, mas só pediam pra eu dançar. Quando eu entrei, foi um estouro.

BC — Show aonde?

D — Bem aqui, em Bonsucesso. Um Clube ali muito bom. Fui eu, foi Zica, foi Neuma, foi todo mundo.

BC — O que é preciso para ser um bom mestre-sala?

D — Um mestre-sala, tem que criar. Ele tem que criar o espaço. Esses mestres-sala de hoje em dia, de outras escolas, todo ano é aquele pulinho de macaco. Não, mestre-sala tem que ter aquela linha, classe, pose. E vários passos ele tem que marcar por ele mesmo, tem que criar, senão todo ano fica aquela coisa, só aqueles pulinhos. Agora eu não, todo ano tenho variedade, porque eu tive mais

Digitalizado com CamScanner

oportunidades do que eles, porque eu corria pra todos esses lugares que eu fui. Então eu aprendia e fazia os passos que eu estava vendo nos passistas, nos bailarinos, porque eu fui também do balé da Mercedes Batista. Nego gritava: "Ih! Delegado está nesse meio"... Não, eu estou aí, o meu problema é aprender. Muitos passos eu aprendi com a Mercedes Batista, com eles lá. Eu era aluno dela e disse: "Eu vou pra lá, eu sou novo"... Aquele pião eu aprendi lá, como é que se faz e como é que não se faz. Aí você vê, eu danço de uma maneira que ninguém dança. Eu risco o chão com o meu nome, eu não levanto o pé do chão. Nenhum deles faz o que eu faço. Ninguém cria, eu crio, está me compreendendo? Você pode ver os mestres-sala, são meus alunos, mas eu não ensinei o pulo do gato não. Eu ensinei de uma maneira, compreendeu? Quando o macaco deu o pulo pra trás... "Ué, compadre macaco, você não me ensinou esse pulo"... Se eu ensinasse esse pulo, você me apanhava. Então eu levo melhor do que eles, não é? Você também tem que criar.

BC — A porta-bandeira também tem o pulo do gato?

D — Tem. É a mesma coisa, porque a porta-bandeira tem que vir à esquerda, à direita, tem que compreender bem o mestre-sala, os gestos. Quando ele chama na palma da mão, ele dá aquele jeito e ela vem. Quando ele dá o leque e fala, ela tem que vir. Então já sabe o jeito: ela tem que vir pra trás, para o outro lado, rodar à esquerda, à direita, tudo com leque. Eles não! Eles todos dançam com bastão. Bastão é só pra diretor de harmonia! O leque é o principal do mestre-sala, não o bastão. O bastão é só pra harmonia, é como eu levo aqui na harmonia. Porque tem o jogo da porta-bandeira, gentileza com ela, abanando... eles não fazem isso.

BC — É questão de significado, não é?

D — Perfeitamente. Porque antigamente... Vamos puxar o carnaval antigo... Se a bandeira batesse na cabeça do mestre-sala, ele perdia um ponto. A mesma coisa pro mestre-sala que botasse a mão no chão... Eu dou aquela caída, a "morte do parafuso": eu caio no chão, fico pequenininho, mas aquilo é o que já vem dentro do samba, da coreografia minha. Então ninguém fazia isso. Agora estão todos fazendo, mas se fizer o que eu faço, não vai levantar. Você quer ver um exemplo? Quase que eu tirei nota nove, sabe por que? Nós desfilamos debaixo do maior temporal e o meu sapato foi embora, saiu do pé. E nego ainda falou: "Ih! acho que Delegado vai apanhar nota nove, por que o sapato dele saiu, a água levou". Mas aí devia ter um desconto, porque a água escangalhou, estava chovendo muito, mas eu dançando. Eu perdi um ponto porque tive que deixar o leque cair no chão. Mas hoje em dia não, hoje em dia você vê mestre-sala dar cambalhota, cair no chão, a bandeira bater nele, e ele segurar a bandeira... Não pode ficar segurando a bandeira, porque a bandeira está representando a escola. Naquela bandeira só pode pegar a porta-bandeira. Ela é uma visita importante, então leva a bandeira. Ela pega a bandeira, beija com aquele respeito. Eu cumprimento de leve, faço aquela cena toda agradecendo porque ela beijou meu pavilhão, e vamos dançar. Agarrar a bandeira, babar tudo, não pode fazer... hoje em dia o carnaval não é mais aquele, vou te dizer. O carnaval antigo você tinha prazer de assistir. Naquele tempo, a comissão julgadora era comissão julgadora mesmo. Por exemplo: para julgar a roupa, a primeira costureira, bordadeira, das melhores bordadeiras. Bateria, vinha um capitão do Exército, dos bombeiros ou da Marinha para julgar a bateria, tá me compreendendo? Mestre-sala e porta-bandeira: Então vinha professor de balé para julgar. Você ouviu, o que acabou de falar agora essa mulher que deu oito na Mangueira? Elá não sabia de nada. Quando a Alcione perguntou, ela disse: "Alcione, foi o primeiro ano que eu fui pra esse negócio"... Porque você se meteu, se não tinha competência, por que foi pra lá? Fazer safadeza com a minha escola? O outro também: tirou um ponto da comissão de frente. Só dava gente importante ali. Você viu nossa comissão de frente? Como é que podia perder um ponto ali? Tudo nego bonito, tudo inteligente, de gabarito, de grande importância! Tava a raça ali em peso mesmo, raça bem preparada, tudo medalha de ouro... Tem essas coisas, não é? Carnaval hoje não é como aquele carnaval que você acabou de perguntar. Pra ir pra frente, a norma toda, vai acabar a gente se enjoando... porque eu já não estou com aquele prazer de desfilar com elas, porque se eu tirar 10, eles vão tirar 10. Eu estou dançando mais do que eles, como é que eles vão tirar nota 10?

CONGRESSO NA USP

O Congresso Internacional sobre Escravidão promovido pela USP (07 a 11 de junho) estará centrado nos temas que seguem: a) Métodos e Técnicas de Pesquisa sobre a Escravidão, b) Historiografia da Escravidão, c) Arquivos e Documentação sobre a Escravidão, d) a Escravidão na Literatura, e) Cultura e Formas de Expressão dos Escravos, f) A Histórica da Escravidão, h) Aspectos Econômicos da Escravidão, i) Religião e Religiosidade nas Sociedades Escravistas, j) História da África Negra, k) Trabalho Compulsório e Escravidão nas Sociedades Indígenas Americanas, l) Mecanismos do Tráfico de Escravos, m) Condições de Vida em Sociedade Escravistas, n) Escravidão: Ideologias e Mentalidades, o) Tensões, Conflitos e Formas de Resistência à Escravidão, p) Os Abolicionismos, q) O Legado da Escravidão e a Situação do Índio e do Negro na Sociedade de Classes.

Os interessados em participar podem requerer maiores informações na UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO — F.F.L.C.H. — Departamento de História, Av. Prof. Lineu Prestes, 338 — Sala N2. Cidade Universitária — Cep: 05508 — São Paulo — SP.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE A ESCRAVIDÃO

As pertubações ocorridas na vida universitária, devido a greve dos funcionários das Universidades Federais, impediram a Universidade Federal Fluminense — UFF de viabilizar o evento previsto para novembro último passado e noticiado por este Boletim.

No sentido de otimizar a utilização dos recursos existentes, seu novo planejamento compatibilizou-se com as datas previstas para realização de encontro semelhante em São Paulo.

A organização do Simpósio, a ser realizado entre 13 e 17 de junho, envolve as principais instituições de ensino e pesquisa no Rio de Janeiro e será realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais — IFCS, Largo de São Francisco) e Universidade Federal Fluminense — UFF (Instituto de Ciências Humanas e Filosofia — ICHF, Valonguinho, Centro).

O Encontro tratará das questões gerais da escravidão no Brasil e sua especificidade no Rio de Janeiro. Já estão confirmadas participações internacionais como as do Profs. Herbert Klein e Warren Dean, além de especialistas brasileiros.

ACERVO I

O Arquivo Nacional, no âmbito das comemorações dos cem anos da Lei Áurea, lançará, ainda no primeiro semestre de 88, um número especial de ACERVO — *Revista do Arquivo Nacional*, totalmente dedicado ao tema. Para tanto recebeu a colaboração de professores especialistas no assunto de todo o Brasil, resultando textos que enfocam a escravidão e a abolição de forma regional, do Amazonas ao Rio Grande do Sul.

Digitalizado com CamScanner

Boletim do Centenário

Sim, desejo continuar recebendo o BOLETIM DO CENTENÁRIO (Abolição & República).

Nome: _____
Instituição: _____
Endereço: _____
Cidade: _____ Estado: _____
CEP: _____ Tel.: _____
Profissão: _____

BOLETIM DO CENTENÁRIO
(Abolição & República)
Rua da Assembléia, 10
Sala 501 CEP 20011
Rio de Janeiro — RJ
Tels.: 221-3536
224-8622, ramal 59

A Revista, além dos artigos e Seções fixas, terá uma bibliografia de teses de história específica sobre a temática.

ACERVO II

A biblioteca da Fundação Casa de Rui Barbosa está levantando em seu acervo a bibliografia existente sobre a Escravidão no Brasil, incluindo livros, capítulos de livros e artigos de revistas. Quanto às revistas pesquisadas, foram selecionados os títulos mais significativos como Revista do IHGB, Revista de História (SP), Revista Brasileira de História, Ciência e Trópico e Estudos Afro-Asiáticos. A bibliografia será divulgada por ocasião das comemorações do Centenário.

VÍDEO SOBRE NEGRO NO BRASIL

A Fundação Ford promoverá um concurso para a produção de vídeos com o tema O NEGRO NO BRASIL As normas que regerão o concurso serão as seguintes: Pretende-se premiar cinco propostas. A comissão julgadora poderá aumentar ou diminuir este número, de acordo com o orçamento, padrão e qualidade das propostas. O candidato deverá entregar à ABVMP (Associação Brasileira de Vídeo do Movimento Popular — R. 13 de maio, 489 — São Paulo) os seguintes itens: a) roteiro, incluindo metodologia de trabalho; b) orçamento que não deve exceder 2.500 OTN, e que relaciona estimativas de despesas de acordo com o roteiro; c) formato e duração — as propostas devem explicitar o formato a ser utilizado (VHS ou U-matic), e a duração do produto final. Este não deve exceder 55 minutos; d) curriculum vitae do candidato e cópias em VHS de trabalhos já realizados, ou nos quais o candidato tenha participado. As propostas deverão ser entregues até 01 de junho de 1988. O resultado do concurso será divulgado no início de julho de 1988 e os vídeos premiados deverão ser realizados até 30 de dezembro de 1988. As propostas serão julgadas por uma comissão de especialistas nas áreas de cinema e de vídeo. A decisão da comissão será irrecorrível.

II CONCURSO DE DOTAÇÕES

O Centro de Estudos Afro-Asiáticos através de uma comissão julgadora formada por Tereza Cristina N. Araújo, Octávio Ianni, Nelson do Valle Silva, Giralda Seyferth e Carlos A. Hasenbalg, selecionou sete projetos — de um total de 32 — apresentados no II Concurso de Dotações para Pesquisa sobre o Negro no Brasil.

São os seguintes projetos e seus respectivos responsáveis: 1) As Organizações Políticas-Partidárias e a Questão Racial Negra a partir da Década de 70. (Gevanilda Gomes dos Santos — Grupo Negro da PUC/SP); 2) Vozes da Imprensa Negra: Cotidiano Negro na Formação do Trabalho Livre (1915-1937) (José Carlos Gomes da Silva — SP); 3) Negros Devotos e Artistas: a Identidade Ambivalente. (Carlos Rodrigues Brandão — SP); 4) Discriminação Racial no Mercado de Trabalho. (Maria Aparecida Silva Bento Teixeira — SP); 5) O Problema da Escravidão e o Pensamento do Negro no Brasil (Gislene Aparecida dos Santos — SP); 6) A Cena em Sombras: A Dramaturgia do Negro no Brasil e nos Estados Unidos. (Leda Maria Martins — MG); 7) O Preconceito Racial na Escola: suas manifestações nos Corpos Docente e Discente e no Material Didático nas Escolas Públicas do Rio de Janeiro. (Vera Moreira Figueira — RJ).

Digitalizado com CamScanner